O AMOR É UM ESTRANHO

POESIA DE RUMI

Tradução: Amadeu Antònio

O AMOR É UM ESTRANHO
POESIA DE RUMI

Tradução: Amadeu Duarte

Já passaram mais de catorze anos desde que comecei a traduzir alguma da poesia de Rumi. Nunca poderia ter imaginado onde este caminho me levaria. O que ao início parecia uma cidade distante e exótica, cujo contorno e traços apenas começava a distinguir, esta cidade de verso sufi, tornou-se agora um lugar mais familiar, cujas ruas e vielas, cuja grandiosa arquitetura e detalhes preciosos já não observo de longe, mas sinto e percebo como alguém que começa a sentir-se em casa num lugar. Este mundo é tão real e presente para mim como o mundo exterior em que vivo – ou até mais, pois é um mundo de significados e não apenas de coisas.

A cultura ocidental não tem uma categoria conveniente para Mevlana Jelaluddin Rumi. No mundo islâmico, ele é tido na mais alta consideração, não apenas como figura literária, mas como um santo cujo exemplo pessoal inspirou a fundação de uma grande ordem religiosa e como um filósofo cuja elaboração do sentido cósmico do Amor teve um impacto cultural significativo.

O seu génio literário revela-se nos 30.000 versos de poesia lírica apaixonada no seu *Diván-i Shamsi Tabriz* e nos 22.000 versos da sua obra-prima, o *Mathnawi*, uma vasta tapeçaria na qual foram entrelaçadas fábulas esópicas, cenas do quotidiano da sua época, revelações do Alcorão e metafísicas neoplatónicas. O grande poeta Abdur Rahman Jami chamou ao *Mathnawi* "o Alcorão na língua persa". Saadi, outro poeta de renome, chegou a selecionar uma ode de Mevlana para apresentar ao Cã Mogol como o melhor poema na língua persa. No Ocidente, a influência de Rumi fez-se sentir em Chaucer, Goethe e Emerson, entre outros; e ninguém menos do que o crítico Doctor Johnson disse sobre ele: "Ele revela ao Peregrino os segredos do Caminho da Unidade e desvela os Mistérios da Senda da Verdade Eterna."

Para muitos que já conhecem a sua vida e obra, Mevlana Jelaluddin Rumi é algo mais do que um poeta. Ele pode ser considerado um exemplo de *insání kámil*, o ser humano aperfeiçoado ou completo, em quem os atributos divinos se manifestam. Uma figura de dimensões quase proféticas, tornou-se para alguns muçulmanos uma espécie de segundo Maomé, para os cristãos um segundo Cristo, e para os judeus um segundo Moisés. Entre aqueles que participaram no seu cortejo fúnebre estavam pessoas de diferentes tradições religiosas, cada uma afirmando que Jelaluddin lhe tinha proporcionado uma compreensão mais profunda da sua própria fé.

A obra de Rumi pode ser considerada uma síntese de tudo o que a cultura islâmica assimilou das fontes árabes, helenísticas, herméticas, cristãs, judaicas, persas e indianas nos primeiros setecentos anos da sua existência. Com total respeito pelos profetas da tradição judaico-cristã-islâmica e com uma beleza e perspicácia incomuns, ele elucidou a herança mítica e as tradições partilhadas do seu tempo; contudo, de alguma forma, transcendeu a sua própria cultura e época. Embora seguisse os detalhes da fé islâmica, Rumi expôs uma religião do Amor. Sem negar a sua própria fé islâmica, foi capaz de

dizer: "A religião do Amor não se assemelha a nenhuma outra." e "Entregar-se completamente está para além de qualquer religião."

Para os sufis, os gnósticos do Islão, o Amor sempre foi um tema central. Especialmente na Pérsia, a metáfora do Amor, do Amante e do Amado foi desenvolvida de forma tão vívida que, por vezes, o seu significado metafórico foi confundido com sensualidade desenfreada. O filósofo-santo andaluz Ibn 'Arabi escreveu algumas das mais belas poesias de amor em língua árabe, ao mesmo tempo que desenvolveu um dos mais abrangentes sistemas metafísicos alguma vez conhecidos. Quando se viu obrigado a defender a sua poesia contra detratores ortodoxos, foi mais do que capaz de demonstrar que a linguagem do amor era um análogo adequado para as realidades espirituais. Para Rumi, em especial, o Amor era a própria causa da existência, a mão por trás dos fantoches, o Grande Artífice.

Quando, já na meia-idade, encontrou o santo errante Shams de Tabriz, Mevlana disse: "O Deus que adorei toda a minha vida apareceu-me hoje em forma humana." No entanto, esta afirmação não deve ser entendida como uma identificação completa entre o humano e o divino. Do ponto de vista islâmico, nenhum ser humano, nem mesmo o Profeta, poderia ser identificado com Deus. No entanto, para o místico sufi, o mundo fenomenal é uma ponte para o Real, e tanto Mevlana quanto Shams encontraram um no outro o exemplo mais perfeito do Amigo. Na presença um do outro, foram capazes de experienciar a unidade de Amor, Amante e Amado.

O encontro de Shams e Mevlana foi como a conjunção de dois grandes planetas. Eles retiraram-se para uma solidão que se tornou lendária; mas, tal como na conjunção do sol e da lua, a aparente escuridão do eclipse foi inaceitável para alguns dos antigos alunos de Mevlana. A inveja surgiu e Shams partiu repentinamente, deixando Mevlana sem a intimidade espiritual que tinham partilhado. Talvez fosse necessário que ele experimentasse a dor da separação para alcançar a sua própria perfeição. Após alguns anos, Shams regressaria e encontraria a morte às mãos de assassinos, mas não antes de Rumi estar completamente transformado pelo seu ardente amor.

Mevlana continuaria a descobrir o "Amigo" sob diversas formas ao longo da sua vida. Após Shams, foi Salahuddin, um ourives que se tornou discípulo, quem Jelal exaltaria pela sua santidade incomparável, e após a morte de Salahuddin, foi Husamuddin, o escriba do *Mathnawi*. Característico da espiritualidade de Rumi é o reconhecimento do Amado ou do Amigo em forma humana, não como adoração de uma personalidade, mas como o reconhecimento dos dons espirituais que o Uno continuamente concede às Suas criaturas. Para Rumi, assim como para muitos que seguiram o seu caminho ao longo dos séculos, a amizade e o amor são valores essenciais. No *Mendqibu al-ʿArifin*, Ahmed al-Aflaki, discípulo do neto de Rumi, relata a seguinte história sobre humildade e respeito.

Jelál contou uma parábola sobre as árvores do campo:

"Toda árvore que não dá fruto, como o pinheiro, o cipreste, o buxo, etc., cresce alta e ereta, erguendo a cabeça bem alto e enviando todos os seus ramos para cima, enquanto todas as árvores frutíferas inclinam as suas cabeças e deixam pender os seus ramos."

Da mesma forma, Jelál também tinha o hábito louvável de se mostrar humilde e atencioso para com todos, mesmo os mais humildes, especialmente com crianças e

mulheres idosas. Costumava abençoá-las e inclinava-se diante delas, mesmo que não fossem muçulmanas. Certo dia, encontrou um grupo de crianças que brincavam e que, ao vê-lo, deixaram o jogo e correram até ele, curvando-se. Jelál curvou-se também para elas; e tanto o fez que um pequeno, ainda ao longe, gritou: *"Espera por mim até que eu chegue."* Jelál não se moveu até que o menino chegou, se curvou e recebeu a mesma reverência.

Naquela época, havia pessoas que falavam e escreviam contra ele. Foram obtidas e divulgadas opiniões jurídicas declarando que a música, o canto e a dança eram ilícitos. No entanto, devido à sua natureza bondosa e ao seu amor pela paz, Jelál não respondeu. Passado algum tempo, todos os seus detratores ficaram em silêncio e os seus escritos foram completamente esquecidos, como se nunca tivessem sido escritos. Enquanto isso, a sua família e os seus seguidores perdurariam até ao fim dos tempos e continuariam a crescer incessantemente.

O tema da poesia de Rumi não é a vida, mas algo que a transcende completamente. Enquanto a maioria da poesia nos guia através de pensamentos e sentimentos cuidadosamente organizados, Rumi escreve a partir de um lugar além do pensamento e do sentimento, tal como os conhecemos:

"Os teus pensamentos são a tranca por trás da porta! Lança a madeira ao fogo! Silêncio, coração!"

A sua poesia não é tanto uma busca pela verdade imanente e pelo conhecimento, nem uma descoberta a ser feita no mundo exterior, mas antes a elaboração de um instante de pura presença, o canto interior imediato da experiência que inunda este mundo, mas não lhe pertence. É um êxtase de conhecimento que transborda em palavras, sons e imagens. É um conhecimento do Todo, bem como das partes.

Rumi constrói um modelo de um imenso mundo interior, utilizando todos os exemplos e situações possíveis do mundo exterior como metáfora. A tradição espiritual e poética que produziu Rumi, Sana'i, Attar, Saadi e Jami compreende toda a criação como metáforas das Qualidades Divinas. Rumi diz que, depois de ver o rosto do seu Senhor,

"Todo o reino terrestre é fraude e fantasia."

O Amado, mesmo quando encontrado sob forma física, é apenas a exemplificação de um Amado espiritual totalmente além da forma. Se ele menciona ídolos, não se refere aos ídolos literais de metais preciosos, mas aos ídolos que são sustentados no interior, as representações da Realidade que usurpam o lugar da perceção imediata. Se fala de embriaguez, refere-se aos estados espirituais que são, na verdade, uma forma de sobriedade, se comparados à embriaguez da vida convencional. Muito pouco é o que parece ser. O poeta sufi habita muitos mundos simultaneamente, *"mundos dentro de mundos"*, e, por isso, é possível dizer que cada verso tem pelo menos sete níveis de significado, correspondendo cada um deles a um dos sete céus ou mundos da cosmologia islâmica.

Enquanto alguma poesia tenta quebrar convenções de linguagem e estilo, esta poesia faz mais do que isso. Procura perturbar as convenções do pensamento e do sentimento, retirar a pele do condicionamento, penetrar as camadas da expectativa. Especialmente

no *Mathnawi*, o seu método é construir um tema através de histórias, imagens, ideias e digressões, aproximando-se do centro a partir de todos os pontos da periferia, com o intuito de esclarecer aquilo que só pode ser chamado de "os mistérios". Seja a melodia da separação e da solidão espiritual ou a experiência de conexão e unidade, tudo é cantado com paixão e imediatismo. Este imediatismo não está totalmente ausente das literaturas ocidentais, mas esta sofisticação de sentimento raramente se encontra tão pura, tão intocada.

A obra de Rumi não é o produto de uma ambição literária, mas um ato de serviço. A maior parte da sua poesia lírica foi falada espontaneamente e registada pelos seus ouvintes. Rumi não dava demasiada importância à sua própria poesia. Certa vez, disse que, assim como um anfitrião deve meter as mãos na limpeza das vísceras de um animal porque é disso que o seu convidado tem apetite, assim ele se ocupava com a poesia.

Aflaki, porém, relata estas palavras de Mevlana a respeito dos seus versos:

O grande Causador de todas as causas fez surgir uma fonte de afeição e, da vastidão do sem-motivo, levantou um meio pelo qual fui atraído da terra do Khorasan para a terra dos Romanos (Ásia Menor). Essa terra Ele fez lar para os meus filhos e descendência, para que, com o elixir da graça, o cobre das suas existências pudesse ser transmutado em ouro e, tal como a pedra filosofal, eles próprios fossem recebidos na comunhão dos santos. Quando percebi que não tinham inclinação para a prática das austeridades religiosas nem conhecimento dos mistérios divinos, imaginei compor exortações em versos e serviços musicais, como meio de captar a atenção dos homens, especialmente dos Romanos, que são naturalmente de disposição animada e apreciam exposições incisivas. Assim como uma criança doente é persuadida a tomar um remédio benéfico, ainda que amargo, da mesma maneira os Romanos foram conduzidos pela arte a adquirir o gosto pela verdade espiritual.

Embora Rumi tenha sido um dos primeiros grandes poetas persas a receber a atenção do Ocidente e inúmeras traduções tenham sido feitas, já se passaram cerca de setenta anos desde a publicação das traduções em inglês das quais dependemos. Com todo o respeito por James Redhouse, pelo grande R.A. Nicholson e pelo seu aluno A.J. Arberry, o que nos deram foram versões precisas, palavra por palavra, em prosa vitoriana. Até mesmo Arberry, o mais recente dos três, confessou:

"Estas versões, sendo na sua grande maioria as primeiras traduções para uma língua ocidental e destinadas primariamente a não-especialistas, foram feitas de forma tão literal quanto possível, com um mínimo de concessões à legibilidade."

Também vimos "versões" da obra de Rumi, ou seja, recriações que usam uma tradução literal do texto como ponto de partida para que um poeta recrie um poema baseado no original. Coleman Barks e Robert Bly, entre outros, trabalharam desta forma, não apenas com Rumi, mas também com outros escritores espirituais. Algumas dessas versões foram muito bem-sucedidas como poesia e ajudaram a introduzir Rumi ao mundo moderno. No entanto, vale mencionar que tais versões, independentemente do seu valor, concedem mais liberdade à voz pessoal e à imaginação do autor que as recria.

O problema da tradução de Rumi tem dois aspetos que gostaria de mencionar. Primeiro, o tradutor deve não apenas familiarizar-se com o contexto cultural da obra,

mas também possuir alguma afinidade ou experiência com as tradições esotéricas das quais a poesia emergiu. Em segundo lugar, deve encontrar ou criar termos equivalentes para experiências que podem ser quase anacrónicas para a mentalidade moderna. Concordo com a poeta e crítica Kathleen Raine, que afirmou que o trabalho de qualquer artista ou poeta sério no nosso tempo é

"recriar uma linguagem comum para a comunicação do conhecimento das realidades espirituais e da ordem invisível da psique."

Desde o início, a minha intenção tem sido apresentar traduções precisas dos textos como poesia em inglês contemporâneo. O inglês está muito mais próximo do persa, uma língua essencialmente indo-europeia, do que, por exemplo, do árabe ou do turco. Os versos de Rumi possuem uma simplicidade elegante que, a meu ver, é melhor traduzida por palavras anglo-saxónicas curtas, de uma ou duas sílabas, em vez de termos mais longos de vocabulário latim. Além disso, a métrica e as rimas do persa tornar-se-iam cansativas em inglês e, por isso, não foram reproduzidas, embora, em alguns casos, se tenha utilizado métrica e assonância. O inglês possui as suas próprias possibilidades de significado e musicalidade, e é necessário trabalhar dentro dessas possibilidades, mantendo-se fiel ao tom e ao espírito do original. A linguagem de Rumi é sublime, mas sem afetação ou formalismo; e, mesmo nos seus versos mais extasiados, ele expressa refinamento e dignidade.

A primeira metade de *Love is a Stranger* inclui trabalhos traduzidos desde a publicação de *Ruins of the Heart* em 1980; a segunda metade contém a maior parte de *Ruins of the Heart*, embora numa forma ligeiramente revista. Em alguns casos, tomei a liberdade de quebrar os versos de forma diferente do original. Também me permiti dar títulos a estas seleções, embora originalmente não os tivessem. É uma liberdade que justifico ao dizer que um título pode, por vezes, ajudar-nos a identificar e recordar determinados poemas.

Gostaria de agradecer às pessoas que encorajaram este trabalho, e especialmente a Marzieh Gail, que primeiro me orientou no estudo da língua persa, guiando-me verso a verso pela beleza da obra de Mevlana e sem a qual eu não teria podido tentar estas traduções. Também quero expressar a minha profunda gratidão ao falecido Sheikh Suleyman Hayati Dede, da Ordem Mevlevi, sucessor de Mevlana Jelaluddin Rumi, cujo exemplo de bondade e compreensão me trouxe para mais perto de uma experiência viva e de um verdadeiro sabor da essência da vida de Mevlana.

Kabir Helminski

O RUBI

Ao pequeno-almoço, tomando chá, uma amada perguntou ao seu amante:
"Quem amas mais, a ti ou a mim?"

"Da cabeça aos pés, tornei-me em ti.
Nada resta de mim além do meu nome.
O teu desejo foi cumprido. Apenas tu existes.
Desapareci como uma gota de vinagre num oceano de mel."

Uma pedra que se tornou um rubi
está repleta das qualidades do sol.
Nenhuma dureza permanece nela.

Se ama a si mesma, ama o sol.
E se ama o sol, ama a si mesma.
Não há diferença entre esses dois amores.

Antes da pedra se tornar rubi,
ela é sua própria inimiga.
Não há um só ser, mas dois.

A pedra é escura e cega à luz do dia.
Se ama a si mesma, é infiel:
resiste intensamente ao sol.
Se diz *"Eu"*, é toda escuridão.

Um faraó reclama divindade e é derrubado.
Hallaj diz o mesmo e é salvo.
Um *eu* é amaldiçoado, outro *eu* é abençoado.

Um *eu* é pedra, outro é cristal.
Um é inimigo da luz, o outro reflete-a.
Na sua consciência mais íntima,
não por qualquer doutrina,
ele é um só com a luz.

Trabalha nas tuas qualidades pétreas
e torna-te resplandecente como um rubi.
Pratica a renúncia e aceita a dificuldade.
Vê sempre a vida infinita
ao deixar o ego morrer.

A tua dureza diminuirá,
a tua natureza de rubi crescerá.
Os sinais da autoexistência deixarão o teu corpo,
e o êxtase tomará conta de ti.

Torna-te todo ouvidos como um ouvido
e ganha um brinco de rubi.
Cava um poço na terra deste corpo,
ou, antes mesmo que o poço seja cavado,
deixa Deus fazer brotar a água.

Está sempre a trabalhar,
raspando a terra do poço.
A quem sofre,
a perseverança traz boa fortuna.

O Profeta disse que cada prostração na oração
é um bater à porta do céu.
E quando alguém continua a bater,
a felicidade mostra o seu rosto sorridente.

A RAIZ DA RAIZ DO TEU SER

Não vás embora, vem mais perto.
Não sejas infiel, sê fiel.
Encontra o antídoto no veneno.
Vem à raiz da raiz do teu ser.

Moldado de barro, mas amassado
da substância da certeza,
um guardião do Tesouro da Luz Sagrada –
vem, regressa à raiz da raiz do teu ser.

Quando alcançares a ausência do ego,
serás arrancado do *eu*
e libertado de muitas armadilhas.
Vem, regressa à raiz da raiz do teu ser.

Nasceste dos filhos da criação de Deus,
mas fixaste o teu olhar demasiado baixo.
Como podes ser feliz?
Vem, regressa à raiz da raiz do teu ser.

Embora sejas um talismã que protege um tesouro,
também és a própria mina.
Abre os teus olhos ocultos
e vem à raiz da raiz do teu ser.

Nasceste de um raio da majestade de Deus
e tens as bênçãos de uma boa estrela.
Porque sofres nas mãos do que não existe?
Vem, regressa à raiz da raiz do teu ser.

És um rubi incrustado no granito.
Até quando fingirás que não é verdade?
Vemos isso nos teus olhos.
Vem à raiz da raiz do teu ser.

Vieste da presença desse Amigo sublime,
um pouco embriagado, mas gentil,
roubando os nossos corações
com esse olhar tão cheio de fogo.

Então vem, regressa à raiz da raiz do teu ser.

O nosso mestre e anfitrião, Shams de Tabriz,
colocou diante de ti a taça eterna.
Glória a Deus, que vinho raro!
Vem, regressa à raiz da raiz do teu ser.

O AMOR É UM ESTRANHO

O coração chegou com passo firme, a respiração refinada,
para advertir a melhor das comunidades.
Coração, coloca a tua cabeça
como uma pena na página do amor.

Somos pendões alegres ao vento da tua justiça.
Mestre, para onde danças?

Para a terra da libertação,
para a planície da não-existência.

Mestre, diz-nos qual não-existência queres dizer.
O ouvido da eternidade conhece a letra da eternidade.

O amor é um estranho com uma língua estranha,
como um árabe na Pérsia.
Trouxe uma história:
é estranha, como quem a conta.
Ouve o teu servo.

O rosto de José iluminou o poço onde estava suspenso.
O seu cativeiro tornou-se um palácio
com pomares e prados, um Paraíso,
um salão real e uma câmara de santidade.

Tal como ao lançares uma pedra à água,
a água, nesse exato momento, se abre para a receber,
tal como uma noite nublada se dissipa com a aurora clara,
da sua humilhação e perda ele contempla os altos céus.

Razão, não invejes a minha boca.
Deus testemunha as bênçãos.
Ainda que a árvore beba das raízes ocultas,
vemos o esplendor dos seus ramos.
Tudo o que a terra recebe do céu,
oferece de volta, fielmente, na primavera.

Quer tenhas roubado um grão ou uma joia,
quer tenhas erguido uma bandeira ou uma pena,
a noite já se foi e o dia chegou,
e o adormecido verá o que sonhou.

UMA NOVA REGRA

É regra entre os bêbados caírem uns sobre os outros,
discutirem, tornarem-se violentos e causarem tumulto.
O amante é ainda pior que um bêbado.

Dir-te-ei o que é o amor: entrar numa mina de ouro.
E o que é esse ouro?

O amante é um rei acima de todos os reis,
sem medo da morte, sem desejo por uma coroa dourada.
O dervixe tem uma pérola escondida sob o seu manto gasto.
Porque deveria ele mendigar de porta em porta?

Ontem à noite, aquela lua apareceu,
bêbada, deixando as roupas caídas na rua.
"Levanta-te", disse ao meu coração. *"Dá à alma um copo de vinho.*
Chegou o momento de acompanhar o rouxinol no jardim,
de provar açúcar com o papagaio da alma."

Caí, com o coração despedaçado –
onde mais senão no teu caminho?
E quebrei a tua taça, bêbado,
meu ídolo, tão bêbado – não me deixes perecer,
toma a minha mão.

Uma nova regra, uma nova lei nasceu:
parte todos os copos e atira-te para os braços do vidreiro.

O INTELECTUAL

O intelectual está sempre a exibir-se;
o amante está sempre a perder-se.
O intelectual foge, com medo de se afogar;
mas todo o propósito do amor é afogar-se no mar.

Os intelectuais planeiam o seu descanso;
os amantes têm vergonha de repousar.
O amante está sempre sozinho, mesmo rodeado de pessoas;
como a água e o óleo, mantém-se separado.

O homem que se esforça por aconselhar um amante
nada recebe em troca.
É ridicularizado pela paixão.

O amor é como o almíscar: atrai atenções.
O amor é uma árvore, e os amantes são a sua sombra.

NÃO TE DISSE?

Não te disse, *"Não vás para lá; sou o teu amigo.*
Neste miragem da existência, sou a fonte da vida."
Mesmo que a tua ira te leve cem mil anos para longe,
no fim regressarás, pois eu sou o teu destino.

Não te disse, *"Não te contentes com formas terrenas:*
sou o arquiteto da câmara íntima da tua felicidade."

Não te disse, *"Sou o mar, e tu és um único peixe;*
não te percas em terra seca; sou o teu mar límpido."

Não te disse, *"Não te deixes apanhar na armadilha como um pássaro indefeso:*
sou o poder do voo – os teus pés e as tuas asas."

Não te disse, *"Eles emboscar-te-ão e deixar-te-ão frio –*
eu sou o fogo e o teu desejo ardente."

Não te disse, *"Eles implantarão as suas qualidades em ti,*
até que esqueças que as melhores qualidades estão aqui."

Não te disse, *"Não sabes de que direção*
as tuas questões são postas em ordem.
Sou o Criador para além das direções."

Se há luz no teu coração, encontra o caminho para casa.
Se és de Deus, conhece o teu Benfeitor.

NO LEITO DE MORTE

Vai, repousa a cabeça numa almofada, deixa-me só;
deixa-me arruinado, exausto da jornada desta noite,
contorcendo-me numa onda de paixão até à aurora.
Ou fica e sê indulgente,
ou, se preferires, sê cruel e parte.

Foge de mim, foge do sofrimento;
segue o caminho seguro, longe deste perigo.
Rastejámos para este canto de luto,
fazendo girar a nora com um fluxo de lágrimas.

Enquanto um tirano com coração de pedra mata,
e ninguém diz: *"Prepara-te para pagar o preço do sangue."*
A fé no rei vem facilmente nos tempos de bonança,
mas sê fiel agora e resiste, pálido amante.

Não há cura para esta dor além da morte,
então, por que deveria dizer: *"Cura esta dor"?*
Num sonho, na noite passada, vi
um ancião no jardim do amor,
chamando-me com a mão, dizendo: *"Vem aqui."*

Neste caminho, o Amor é a esmeralda,
o belo verde que afasta os dragões.
Basta, estou a perder-me.
Se és um homem de saber,
lê algo clássico,
uma história da luta humana,
e não te contentes com versos medíocres.

UMA CASA PARA OS NUS

Já é tarde e está a chover, meus amigos;
vamos para casa.
Vamos deixar estas ruínas
onde habitamos como mochos.

Mesmo que estas belezas loiras nos chamem,
vamos para casa.
Todas as razões dadas
pelos sensatos, pelos aborrecidos e pelos tristes
não podem agora escurecer os nossos corações;
nem todo este jogo de amor ilusório,
este paraíso imaginário, pode deter-nos.

Alguns veem o grão, mas não a colheita.
Não perguntes demasiados "como" ou "porquê".
Deixa os animais pastar.

Vem para casa, para a verdadeira celebração e música.
Shams construiu uma casa para os nus e os puros.

COMO A LUZ DO SOL SOBRE A TERRA

Eu sou de ti, e ao mesmo tempo, tu devoraste-me.
Derramo-me em ti, pois foi através de ti que congelei.
Apertas-me com a tua mão,
e depois pisas-me com o teu pé.
Assim se transforma a uva em vinho.

Lanças-nos como luz do sol sobre a terra.
E a nossa luz, passando pelo corpo
como se fosse uma janela aberta para a nossa Fonte,
regressa, purificada, a Ti.

Quem vê esse sol diz:
"Ele está vivo."
E quem vê apenas a janela diz:
"Ele está a morrer."

Ele ocultou a nossa origem naquela taça de dor e alegria.
No nosso âmago, somos puros;
todo o resto são resíduos.

Fonte da alma das almas, Shams, Verdade de Tabriz,
cem corações ardem por ti.

A GUERRA INTERIOR

Descansa a tua face, por um momento,
nesta face embriagada.
Deixa-me esquecer a guerra e a crueldade dentro de mim.

Seguro estas moedas de prata na mão;
dá-me o Teu vinho de luz dourada.
Abriste as sete portas do céu;
agora pousa generosamente a Tua mão sobre o meu coração fechado.

Tudo o que tenho para oferecer é esta ilusão, o meu *eu*.
Dá-lhe pelo menos um nome que seja real.

Só Tu podes restaurar o que quebraste:
cura a minha cabeça partida.

Não estou a pedir doces de pistáchio,
mas o Teu amor eterno.
Cinquenta vezes já disse:
"Coração, para de procurar e entra nesta rede."

COMPRA-ME DAS MINHAS PALAVRAS

Antes, queria ser pago pelo que dizia,
mas agora preciso que me compres das minhas palavras.

Os ídolos que esculpi encantavam todos.
Agora estou embriagado com Abraão e cansado de ídolos.
Um ídolo sem cor nem aroma acabou com toda a minha carreira.
Encontra outra pessoa para o trabalho.

Sou um louco feliz, sem um único pensamento.
Lavei completamente a loja.
Se algo entra na minha mente,
digo: *"Sai. És uma distração."*

Tudo o que é rude e pesado, eu destruo.
Quem deveria estar com Layla?
Alguém que possa ser Majnun.

O homem que ergue essa bandeira ondulante
na verdade pertence ao outro lado.

O QUE UM HOMEM PODE DIZER

Em nome da amizade,
não repitas ao meu Amado
tudo o que disse ontem à noite,
fora de mim:
mas se, por Deus, ela o ouvir,
entenderá o que um homem pode dizer
na escuridão, alto ou baixo, rude ou suave,
quando a razão não está em casa.

Se Deus libertar esta ansiedade,
ninguém no mundo permanecerá são.
Mente, são estas as tuas sugestões sombrias?
Nuvem, é esta a tua chuva triste?

Crentes, vigiai os vossos corações.
Curiosos ou bondosos, afastem-se.

ESTE CASAMENTO

Que estes votos e este casamento sejam abençoados.
Que seja leite doce,
este casamento, como vinho e halvah.
Que este casamento ofereça fruto e sombra,
como a tamareira.

Que este casamento seja repleto de risos,
cada dia nosso um dia no paraíso.
Que este casamento seja um sinal de compaixão,
um selo de felicidade aqui e no além.

Que este casamento tenha um rosto belo e um bom nome,
um presságio tão bem-vindo
quanto a lua num céu azul e límpido.
Faltam-me palavras para descrever
como o espírito se entrelaça neste casamento.

ROUPAS ABANDONADAS NA MARGEM

O teu corpo está aqui connosco,
mas o teu coração está no prado.
Viajas com os caçadores,
mas és tu aquilo que eles caçam.

Como uma flauta de junco,
és envolto pelo teu corpo,
com um som inquieto e ofegante dentro de ti.

És um mergulhador:
o teu corpo é apenas a roupa deixada na margem.
És um peixe cujo caminho é a água.

Neste mar há muitas veias luminosas,
e algumas escuras.
O coração recebe a sua luz
daquelas veias brilhantes.

Se levantares a tua asa,
posso mostrar-tas.
Estás escondido, como o sangue no interior,
e és tímido ao toque.

Essas mesmas veias cantam uma melodia melancólica
na doce lira de cordas,
música vinda de um mar sem margens,
cujas ondas rugem desde o infinito.

O CHAMADO DO AMOR

Quando Hallaj encontrou união com o seu Amado,
era justo que fosse na forca.

Roubei um pedaço de tecido do seu manto,
e ele cobriu a minha razão, a minha cabeça e os meus pés.
Arranquei um espinho da cerca do seu jardim,
e ele não parou de cravar-se no meu coração.

Certa manhã, um pouco do seu vinho
transformou o meu coração num caçador de leões.
É justo que esta separação, que ele me fez sentir,
se esconda como um monstro dentro do meu coração.

Ainda assim, o potro selvagem e indomado dos céus
foi treinado pela mão do seu amor.
Embora a razão seja estudada e tenha as suas honras,
penhorou o seu gorro e vestes por um cálice de amor.

Muitos corações procuraram refúgio contra este amor,
mas ele arrasta-os e puxa-os para o seu próprio abrigo.

Num dia frio, uma pele de urso flutuava rio abaixo.
Disse a um homem que estava sem roupas:
"Salta e puxa-a para fora."
Mas a pele de urso era um urso vivo,
e o homem que saltou com tanto entusiasmo
ficou preso nas garras daquilo que tentava agarrar.

"Larga isso," disse eu, *"lutar não te levará a lado nenhum."*
"Largar? Este manto é que não me larga a mim!"

Silêncio. Apenas uma caça.
Quem precisa de volumes de histórias?

VARRE O PÓ DO MAR

O Belo entregou-me uma vassoura e disse:
"Varre o pó do mar!"
Depois queimou a vassoura na lareira e disse:
"Devolve-me a minha vassoura."

Atordoado, encostei a cabeça ao chão.
"Na submissão verdadeira, já não há
nem sequer alguém para se curvar."

"Mas como?"
"Sem hesitação ou resquício de ti mesmo."

Desviei o pescoço e disse:
"Separa-me de mim com a espada de Ali."
Mas à medida que fui golpeado, e golpeado outra vez,
incontáveis cabeças surgiram.

Como se eu fosse uma lâmpada, e cada cabeça um pavio,
chamas ergueram-se de todos os lados,
incontáveis cabeças de olhos de vela,
uma procissão que atravessa Oriente e Ocidente.

Mas o que é Oriente ou Ocidente na ausência de lugar?
Tudo é uma fornalha e uma casa de banhos.
O teu coração está frio; até quando ficarás
nesta casa de banhos quente?

Sai da casa de banhos e do seu forno.
Despe-te no mundo interior
e aprecia os frescos, as belas figuras
coloridas com os tons do canteiro de túlipas.

Olha para a janela que deixa entrar a luz.
As seis direções são a casa de banhos,
e uma janela abre-se para o que não tem lugar.

Acima dela está a beleza de um Soberano,
de cujo reflexo a terra e o céu
receberam a sua cor, de Quem a alma
choveu sobre o Turco e o Zanzibar.

O dia acabou, e a minha história termina.
Noite e dia envergonham-se com a história da minha beleza.
O Sol de Tabriz mantém-me
embriagado e languidamente neste estado.

E ELE ESTÁ CONNOSCO

Totalmente inesperado, o meu hóspede chegou.
"Quem é?" perguntou o meu coração.
"O rosto da lua," disse a minha alma.

Quando ele entrou na casa,
todos corremos para a rua, loucos, à procura da lua.
"Estou aqui dentro!" chamava ele do interior,
mas nós chamávamos por ele lá fora,
alheios ao seu chamado.

O nosso rouxinol embriagado canta no jardim,
e nós gememos como pombas:
"Onde, onde, onde?"

Uma multidão formou-se: *"Onde está o ladrão?"*
E o ladrão entre nós dizia:
"Sim, onde está o ladrão?"

Todas as nossas vozes misturaram-se,
e nenhuma se destacou das outras.

"E Ele está convosco" significa que Ele está à vossa procura convosco.
Ele está mais perto de ti do que tu mesmo.
Porque procuras lá fora?

Torna-te como neve a derreter;
lava-te de ti mesmo.
Com amor, a tua voz interior encontrará uma língua,
crescendo como um lírio branco e silencioso no coração.

TU E EU

Um momento de felicidade,
tu e eu sentados na varanda,
aparentemente dois, mas um só na alma,
tu e eu.

Sentimos aqui a água corrente da vida,
tu e eu, com a beleza do jardim
e o canto dos pássaros.

As estrelas estarão a observar-nos,
e nós mostrar-lhes-emos
o que significa ser uma fina lua crescente.

Tu e eu, libertos do *eu*, estaremos juntos,
indiferentes às especulações vãs,
tu e eu.

Os papagaios do paraíso partirão açúcar
enquanto rimos juntos,
tu e eu.

E o mais espantoso
é que, enquanto aqui juntos,
tu e eu estamos, neste mesmo momento,
no Iraque e no Khorasan.

Numa forma sobre esta terra,
e noutra forma, numa terra doce e intemporal.

BUSCA A ESCURIDÃO

Senta-te com os teus amigos; não voltes a dormir.
Não afundes como um peixe no fundo do mar.
Levanta-te como um oceano,
não te disperses como uma tempestade.

As águas da vida fluem da escuridão.
Procura a escuridão, não fujas dela.
Os viajantes da noite estão cheios de luz,
e tu também estás; não abandones esta companhia.

Sê uma vela desperta num prato dourado,
não te derrames na lama como mercúrio.
A lua aparece para os viajantes da noite,
fica atento quando a lua estiver cheia.

O NONO MÊS

Observas os movimentos sensuais do véu.
Sabes que há uma rapariga chinesa por trás dele
cujo rosto não podes ver?

Vês um reflexo da lua real
em todas as pedras espalhadas aos teus pés.
És uma folha levada por um vento invisível.
Não sabes que algo te move?

A menos que um pensamento agite esse vento,
não te moves.
Se o vento não estiver imóvel, tu também não estás.

Constelações, planetas, os teus estados mais íntimos
são como camelos alinhados em fila. Tu és o último.
Enrola-te e bebe o sangue
como uma criança no ventre do céu.

Sentes uma dor na esfera do teu coração,
mas quando ergues a cabeça, já se foi.

O teu nono mês é o rosto de Shams,
tu, a quem foi confiado o segredo de ambos os mundos.
Ó coração, sê paciente neste sangue
até ao nono mês.

ESTE CORAÇÃO INÚTIL

Coração, desde que abraçaste os mistérios,
tornaste-te inútil para qualquer outra coisa.
Enlouquece, não fiques são.

As pessoas meditam para obter algo.
Tu, apenas dás.
As prioridades do louco Majnun são agora as tuas também.

Se queres ser respeitável,
porque vais embriagado para o centro da cidade?
Não adianta ficares sentado num canto qualquer,
depois de fazeres amizade com os dissolutos deste caminho.

Volta para o deserto,
deixa esta cidade miserável.
Há um cheiro de taberna
em algum lugar deste bairro,
e já te embriagaste com ele.

Agora segue-o.
Vai para a Montanha Qaf como o Simurgh,
deixa estas corujas e garças para trás.
Entra no matagal da Realidade como um leão.
Porque permanecer entre hienas e cães?

Não sigas o perfume da camisa de José,
já estás de luto pela sua morte como Jacob, seu pai.

EXPANSÃO E CONTRAÇÃO

Antes que tudo o que possuis te escape,
diz ao mundo material, como Maria:
"O meu refúgio está no Misericordioso."

No seu quarto, Maria viu algo
que lhe conquistou o coração,
algo intensamente vivo.

Aquele espírito de confiança ergueu-se da face da terra
como um sol ou uma lua a nascer no Oriente,
como a beleza desvelada.

Maria, que estava despida, começou a tremer,
com medo do mal que poderia estar ali.
Esse tipo de coisa poderia levar
José a cortar o próprio pulso.

Floresceu diante dela como uma rosa,
como uma fantasia que se ergue no coração.
Maria tornou-se desprovida de si mesma,
e, nesse despojamento, disse:
"Lançar-me-ei na proteção de Deus."

Pois aquela de peito puro
sabia como se levar ao Invisível.
Como ela via este mundo como um reino temporário,
construiu a sua fortaleza na Presença,
para que, na hora da morte,
fosse invulnerável.

Ela não encontrou proteção melhor do que Deus,
por isso fez a sua casa perto do Seu castelo.

Esses olhares de amor eram flechas,
perfurando e matando toda a razão.
O exército e seus líderes estão enfeitiçados por Ele.
Os sábios perdem a razão diante Dele.

Centenas de milhares de reis estão ao Seu serviço.
Centenas de milhares de luas cheias
dedicam-se à febre incessante do Seu amor.

Zuhra não ousa dizer uma palavra;
a razão universal, ao vê-Lo, humilha-se.

O que posso dizer? Ele selou os meus lábios.
O canal da minha respiração está ligado à Sua fornalha.
"Sou a fumaça desse fogo, a sua evidência."

A única evidência para o sol
é a sua luz imensa.
Que sombra poderia reivindicar ser essa prova?
É suficiente que a sombra se submeta diante Dele.

A majestade desta evidência declara a verdade.
Ele está à frente,
e todas as perceções devem permanecer atrás.

Todas as perceções viajam sobre burros coxos,
enquanto Ele é uma flecha cortando o espaço.

Se Ele escolher escapar,
ninguém sequer encontrará o pó que deixa para trás.
E se tentarem fugir,
Ele simplesmente fecha o caminho.

Toda perceção é inquietante:
este é o momento de luta,
não de erguer o cálice.

Uma ave da perceção voa como um falcão,
outra rasga o ar como uma flecha,
outra desliza como um barco,
e outra volta sempre para trás.

Quando surge algo para perseguirem ao longe,
todas essas aves voam na sua direção.
Mas quando desaparece, ficam perdidas.

Como corujas, regressam ao deserto,
esperando, com um olho aberto e o outro fechado,
que alguma presa apareça.

Se tiverem de esperar demasiado, questionam-se:
"Foi algo real ou não?"

O melhor seria descansar um pouco,
e reunir força e vigor.

Se a noite nunca chegasse,
as pessoas desperdiçar-se-iam
perseguindo tudo o que desejam.

Dariam os seus próprios corpos para serem consumidos
pela sua sede e ganância.
Mas a noite surge, um tesouro de Misericórdia,
para poupá-las dos desejos por um curto instante.

Quando sentires contração, viajante,
é para o teu próprio bem.
Não ardas em tristeza.

No estado de expansão e alegria,
estás a gastar algo,
e esse gasto
precisa da receita da dor.

Se fosse sempre verão,
o calor abrasador queimaria o jardim,
o solo e as raízes,
de modo que nada mais voltaria a crescer.

Dezembro é severo, mas bondoso;
o verão é risos e alegria, mas queima.

Quando a contração vier,
vê nela a expansão.
Sê alegre, não te entristeças.

As crianças riem; os sábios mantêm-se sérios.
A tristeza vem do fígado, e o riso dos pulmões.

Os olhos de uma criança,
como os de um burro,
estão fixos apenas no estábulo;
mas os olhos do sábio veem até ao fim.

A CASA DOS HÓSPEDES

Amado, o corpo é uma casa de hóspedes;
todas as manhãs chega alguém novo.
Não digas: *"Oh, mais um peso no meu pescoço!"*
ou o teu hóspede fugirá de volta ao nada.

Tudo o que entra no teu coração é um hóspede
do mundo invisível: recebe-o bem.
A cada dia, a cada instante, um pensamento chega,
como um hóspede honrado, ao teu coração.

Ó alma, vê cada pensamento como uma pessoa,
pois o valor de cada um está no pensamento que guarda.

Se um pensamento triste se interpõe no caminho,
ele também prepara o caminho para a alegria.
Ele varre furiosamente a tua casa,
para que uma nova alegria possa surgir da Fonte.

Ele espalha as folhas secas dos ramos do coração,
para que brotem folhas novas e verdes.
Arranca a alegria antiga,
para que uma nova alegria possa entrar do Além.

A tristeza arranca a raiz podre,
que estava oculta à vista.

O que quer que a tristeza tire ou faça o coração derramar,
coloca algo melhor no seu lugar –
especialmente para aquele que sabe com certeza
que a tristeza é serva da intuição.

Sem o franzir das nuvens e os relâmpagos,
as vinhas seriam queimadas pelo sorriso do sol.

Tanto a boa como a má sorte tornam-se hóspedes no teu coração,
como planetas a viajar de signo em signo.
Quando algo transita pelo teu signo, adapta-te
e sê tão harmonioso quanto o seu regente,
para que, ao encontrar a Lua,
fale gentilmente ao Senhor do coração.

Sempre que as tristezas voltarem,
recebe-as com sorrisos e risos, dizendo:
"Ó meu Criador, salva-me do seu mal,
e não me prives do seu bem."

"Senhor, lembra-me de ser grato,
não me deixes sentir arrependimento se o seu benefício passar."

E se a pérola não estiver na mão da tristeza,
deixa-a ir e ainda assim sente-te satisfeito.

Aumenta a tua prática de doçura.
A tua prática beneficiar-te-á noutra altura;
um dia, a tua necessidade será repentinamente suprida.

AS RUÍNAS DO CORAÇÃO

Sou um escultor, um moldador de formas.
A cada momento esculpo um ídolo.
Mas então, diante de ti, derreto-os.

Posso erguer cem formas e enchê-las de espírito,
mas quando olho para o teu rosto,
quero atirá-las ao fogo.

És apenas aquele que enche o copo deste embriagado,
ou és realmente o opositor do sóbrio?
És tu quem arruína
cada casa que construo?

A minha alma derrama-se na tua e mistura-se.
Porque a minha alma absorveu o teu perfume,
eu a venero.

Cada gota de sangue que derramo
informa a terra:
"Uno-me ao meu Amado quando me entrego ao amor."

Nesta casa de barro e água,
o meu coração caiu em ruínas.
Entra nesta casa, meu Amor, ou deixa-me partir.

CANÇÃO DO JUNCO

Escuta o junco e a história que ele conta,
como canta sobre a separação:

Desde que me cortaram do canavial,
o meu lamento fez homens e mulheres chorarem.

Quero um coração rasgado de saudade,
para partilhar a dor deste amor.

Quem quer que tenha sido afastado da sua origem
anseia pelo regresso à união.

Em cada encontro, toco o meu lamento.
Sou amigo tanto do feliz quanto do triste.

Cada um fez de mim seu confidente por razões próprias,
mas ninguém procurou os segredos que guardo.

O meu segredo não é diferente do meu lamento,
mas isso não pode ser percebido pelos sentidos.

O corpo não está oculto da alma,
nem a alma está oculta do corpo,
e ainda assim, a alma não é visível para todos.

Esta flauta toca-se com fogo, não com vento,
e sem esse fogo, tu não existias.

É o fogo do amor que inspira a flauta.
É o fermento do amor que completa o vinho.

O junco é um consolo para todos os amantes separados.
A sua música rasga os nossos véus.

Já viste um veneno ou antídoto como o junco?
Já viste companheiro ou amante mais íntimo?

Ele canta sobre o caminho do sangue,
relata a paixão de Majnun.

Somente aos insensatos este sentido é confiado.
A língua tem algum patrono além do ouvido?

Os nossos dias tornam-se cada vez mais incertos,
estes dias que se misturam com dor e sofrimento...
mas se os dias que restam forem poucos,
deixa-os ir; isso não importa.

Mas Tu, Tu permaneces,
pois nada é tão puro quanto Tu.

Todos, exceto o peixe, rapidamente se saciam da Tua água;
e o dia é longo sem o Teu pão diário.

Os imaturos não compreendem o estado dos maduros,
por isso, as minhas palavras serão breves.

Rompe as tuas correntes, sê livre, meu filho!
Até quando o ouro e a prata te escravizarão?

Se despejares o oceano inteiro num jarro,
ele conterá mais do que um dia de provisão?

O olho ganancioso, como o jarro, nunca se enche.
Até encontrar contentamento, a ostra não abriga a pérola.

Apenas aquele que foi despido pelo Amor
está livre de defeitos e desejos.

Ó alegria, ó Amor, nosso parceiro de trocas,
curador de todos os nossos males,
nosso Platão e nosso Galeno,
remédio para o nosso orgulho e vaidade.

Com o amor, este corpo terreno poderia voar no ar;
a montanha poderia erguer-se e dançar em tumulto.

O amor deu vida ao Monte Sinai.
Ó amante, Sinai estava embriagado,
Moisés perdeu a consciência.

Se fosse pressionado aos lábios
de alguém que estivesse em harmonia comigo,
eu também revelaria tudo o que pode ser contado;
mas sem uma língua comum, permaneço mudo,
ainda que tenha cem canções para cantar.

Quando a rosa se for e o jardim desfalecer,
já não ouvirás o canto do rouxinol.

O Amado é tudo; o amante é apenas um véu.
O Amado é vivo; o amante, uma coisa morta.

Se o Amor retiver os seus cuidados fortalecedores,
o amante fica como um pássaro sem asas.

Como poderei estar desperto e consciente,
se a luz do Amado estiver ausente?

O Amor quer que esta Palavra seja pronunciada.
Se o espelho do teu coração estiver baço,
é porque a ferrugem ainda não foi removida da sua face.

Ó amigos, escutai esta história,
a medula do nosso estado interior.

O AMOR É IMPRUDENTE

O amor é impetuoso; não é razão.
A razão procura lucro.
O amor chega com força, consumindo-se a si mesmo, sem vergonha.

Ainda assim, no meio do sofrimento,
o amor avança como uma mó,
de superfície dura e reta.

Tendo morrido para o interesse próprio,
arrisca tudo e nada pede.
O amor joga fora cada dádiva que Deus concede.

Sem motivo, Deus deu-nos o Ser;
sem motivo, devolve-o novamente.
Entregar-se completamente está além de qualquer religião.

A religião busca graça e favor,
mas aqueles que os abandonam são os favoritos de Deus,
pois não põem Deus à prova
nem batem à porta do ganho e da perda.

QUANDO UM HOMEM E UMA MULHER SE TORNAM UM

Escalei os meus olhos com o pó da tristeza
até que cada um deles fosse um mar cheio de pérolas.

Todas as lágrimas que nós, criaturas, derramamos por Ele
não são lágrimas, como muitos pensam, mas pérolas...

Queixo-me da Alma da alma,
mas não sou um queixoso: apenas digo como é.

O meu coração diz-me que sofre por Ele,
mas só consigo rir dessas feridas fingidas.

Sê justo. Tu, que és a Glória dos justos,
Tu, Alma, livre de "nós" e "eu",
espírito subtil dentro de cada homem e mulher.

Quando um homem e uma mulher se tornam um,
esse "um" és Tu.
E quando esse um se dissolve, lá estás Tu.

Onde está este "nós" e este "eu"?
Ao lado do Amado.

Criaste este "nós" e este "eu"
para que pudesses brincar
com o jogo do cortejo contigo mesmo,

para que todos os "tu" e "eu" se tornassem uma só alma
e finalmente se afogassem no Amado.

Tudo isto é verdade. Vem!
Tu, que és a Palavra Criadora: Sê.
Tu, tão além de qualquer descrição.

Será possível que o olho físico Te veja?
Poderá o pensamento compreender o Teu riso ou a Tua dor?
Diz-me agora, poderá alguma vez ver-Te de todo?

Um coração assim apenas vive de coisas emprestadas.
O jardim do amor é verde sem limites
e dá frutos que não são nem tristeza nem alegria.

O amor está além dessas condições:
sem primavera, sem outono, está sempre fresco.

EU NÃO SOU...

Que farei, ó muçulmanos?
Não me reconheço...

Não sou cristão, nem judeu,
nem mago, nem muçulmano.
Não sou do Oriente, nem do Ocidente,
nem da terra, nem do mar.

Não sou da mina da natureza,
nem das estrelas que giram.
Não sou da terra, nem da água,
nem do vento, nem do fogo.

Não sou do empíreo,
nem do pó deste tapete.
Não sou do abismo, nem do além.
Não sou da Índia ou da China,
nem da Bulgária ou de Saqsin.

Não sou do reino do Iraque,
nem da terra do Khorasan.
Não sou deste mundo, nem do outro,
não sou do céu, nem do purgatório.

O meu lugar é o sem-lugar.
O meu rastro é o sem-rastro.

Não sou corpo, nem alma,
pois pertenço à alma do meu amado.

Afastei a dualidade,
e vi os dois mundos como um só.
Um eu procuro. Um eu conheço.
Um eu vejo. Um eu chamo.

Ele é o Primeiro. Ele é o Último.
Ele é o Exterior. Ele é o Interior.

Nada conheço além de Hu,
ninguém além Dele.

Embriagado com a taça do Amor,
os dois mundos escapam das minhas mãos.

Não me ocupo com nada
além de festa e embriaguez.

Se por uma única vez na vida
passar um momento sem Ti,
arrependerei a minha vida desse momento em diante.

Se por uma vez neste mundo
tiver um momento Contigo,
colocarei ambos os mundos sob os meus pés
e dançarei para sempre em alegria.

Ó Shams de Tabriz,
estou tão embriagado no mundo
que, além da festa e da intoxicação,
nada mais tenho para contar.

QUANDO OS NOMES NÃO EXISTIAM

Naquele dia em que os nomes não existiam,
nem qualquer sinal de algo a ser nomeado,
eu existia.

As coisas e os seus nomes vieram de mim,
mas esse dia foi antes do "eu" ou do "nós".

Uma mecha do cabelo do Amor foi dada como sinal,
e ainda assim essa mecha não existia.

Cruz e cristãos, de ponta a ponta,
mas o Amor ainda não estava na cruz.

Na casa dos ídolos, no templo antigo,
não havia nenhum vestígio.

Fui às montanhas – Herat e Kandahar –
e nada vi acima ou abaixo.

Subi ao cume do Monte Qaf
e lá só encontrei o Simurgh.

As rédeas da minha busca levaram-me à Kaaba,
mas o Amor não estava no destino dos jovens ou velhos.

Perguntei a Ibn Sina em seu êxtase,
mas isso estava além do seu alcance.

Fui "a dois arcos de distância",
e nada encontrei nesse tribunal supremo.

Atentei ao meu coração –
e ali estava o lugar, em nenhum outro.

Exceto Shams de Tabriz, essa alma pura,
ninguém jamais esteve tão embriagado,
tão desvairado, tão perdido no Amor.

DAR UM PASSO SEM PÉS

Isto é o amor: voar em direção a um céu secreto,
fazer cair cem véus a cada instante.

Primeiro, soltar a vida.
No fim, dar um passo sem pés.

Considerar este mundo como invisível,
e desprezar o que aparece ao eu.

Ó coração, que presente tem sido entrar neste círculo de amantes,
ver além da própria visão,
tocar e sentir dentro do peito.

Ó alma, de onde vem este sopro?
Como existe este coração que bate?

Pássaro da alma, fala com as tuas próprias palavras,
e eu compreenderei.

O coração respondeu:
"Eu estava na oficina
no dia em que esta casa de água e barro foi cozida."

"Já fugia dessa casa criada,
enquanto ainda estava a ser criada."

"Quando já não consegui resistir, fui arrastado para baixo,
e os meus traços foram moldados a partir de um punhado de terra."

O HOMEM DE DEUS

O homem de Deus está embriagado enquanto sóbrio.
O homem de Deus está saciado sem carne.
O homem de Deus está perplexo e deslumbrado.
O homem de Deus nem dorme nem come.

O homem de Deus é um rei vestido em farrapos.
O homem de Deus é um tesouro nas ruas.
O homem de Deus não é nem do céu nem da terra.
O homem de Deus não é nem da terra nem do mar.

O homem de Deus é um oceano sem fim.
O homem de Deus lança pérolas a teus pés.
O homem de Deus tem cem luas à noite.
O homem de Deus tem a luz de cem sóis.

O conhecimento do homem de Deus é completo.
O homem de Deus não lê com os olhos.
O homem de Deus está além da forma e da descrença.
O homem de Deus vê o bem e o mal como um só.

O homem de Deus está muito além do não-ser.
O homem de Deus é visto cavalgando alto.
O homem de Deus está oculto, Shamsuddin.
O homem de Deus, deves buscar e encontrar.

UM MUNDO SEM FRONTEIRAS

A cada respiração, o som
do amor rodeia-nos,
e somos levados às profundezas
do espaço, sem distração.

Já estivemos em órbita antes
e conhecemos os anjos lá.
Vamos lá novamente, Mestre,
pois essa é a nossa terra.

Mas estamos além de tudo isso,
e somos mais do que anjos.
Para lá da dualidade,
temos um lar, e ele é a Majestade.

Essa substância pura
é diferente deste mundo empoeirado.
Que tipo de lugar é este?
Descemos uma vez, logo retornaremos.

Uma nova felicidade torna-se nossa amiga
enquanto trabalhamos na entrega das nossas vidas.

Muhammad, a joia do mundo,
é o guia escolhido da nossa caravana.
A doçura que respiramos no vento
vem do perfume dos seus cabelos,
e o brilho do nosso pensamento
vem da luz do seu dia.

O seu rosto fez certa vez
a lua dividir-se em duas.
Ela não suportou a sua visão.
Ainda assim, quão afortunada foi,
aquela que humildemente o recebeu.

Olha para o teu coração e vê
a lua partida em cada respiração.

Tendo visto essa visão,
como ainda podes sonhar?

Quando a onda de *"Não sou Eu?"* atingiu,
afundou o navio do corpo;
quando o navio naufragar novamente,
será o tempo da união.

O Ser Humano, como um pássaro do mar,
emergiu do oceano da alma.
A terra não é o seu lugar de descanso final,
pois um pássaro nascido do mar
não pode permanecer em terra.

Não, somos pérolas desse oceano;
todos vivemos nele,
e se não fosse assim,
por que onda após onda chegaria?

Este é o tempo da união,
o tempo da beleza eterna.
É o tempo da sorte e da bondade;
é o oceano da pureza.

A onda da generosidade chegou.
O rugido do mar está aqui.
A manhã da felicidade nasceu.
Não, é a luz de Deus.

De quem é este rosto aqui retratado?
Quem é este xá ou príncipe?

Quem é esta inteligência antiga?
São todas máscaras…

E o único remédio
é esta ebulição extática da alma.

Uma fonte de frescura
está na cabeça e nos olhos—
mas não nesta cabeça corporal,
e sim noutra, pura e espiritual.

Muitas cabeças puras
foram derramadas no pó.
Sabe distinguir uma da outra!

A nossa cabeça original está oculta,
enquanto esta outra é visível.

Para lá deste mundo há um mundo
sem fronteiras.

Guarda o teu odre, irmão,
e bebe vinho do nosso barril!

O jarro de barro da perceção
tem um gargalo tão estreito.

O sol surgiu da direção de Tabriz,
e eu disse:

"Esta luz está, ao mesmo tempo, unida a todas as coisas
e, no entanto, separada de tudo."

PERDE-TE NO CHAMADO

"Senhor," disse David, *"já que não precisas de nós,*
porque criaste estes dois mundos?"

A Realidade respondeu:

"Ó prisioneiro do tempo,
eu era um tesouro oculto de bondade e generosidade,
e desejei que esse tesouro fosse conhecido.
Por isso, criei um espelho:
o seu rosto brilhante, o coração;
as suas costas sombrias, o mundo.

As costas podem agradar-te
se nunca viste o rosto.

Alguém alguma vez fez um espelho de lama e palha?
Mas se limpares a lama e a palha,
talvez um espelho se revele.

Até que o sumo fermente no barril,
não se torna vinho.

Se desejas que o teu coração brilhe,
tens de trabalhar um pouco.

O meu Rei dirigiu-se à alma da minha carne:

"Voltaste tal como partiste.
Onde estão os sinais das minhas dádivas?"

Sabemos que a alquimia transforma cobre em ouro.
Este Sol não deseja coroa nem manto da graça de Deus.
Ele é um chapéu para cem cabeças calvas,
um manto para dez que estavam nus.

Jesus sentou-se humildemente no dorso de um jumento, meu filho!
Como poderia uma brisa montar um jumento?

Ó espírito, encontra o teu caminho,
buscando a humildade como um riacho.
Ó razão, trilha o caminho do despojamento até à eternidade.

Lembra-te de Deus tanto
que te esqueças de ti mesmo.
Que o chamador e o chamado desapareçam:
perde-te no Chamado.

A CASA DO AMOR

Porque há sempre música nesta casa?
Pergunta ao dono.

Ídolos dentro da Kaaba?
A luz de Deus num templo pagão?

Aqui há um tesouro que este mundo não pode conter.
A casa e o seu senhor
são apenas pretextos e brincadeira.

Tira as mãos desta casa, deste talismã.
Não discutas com o dono;
ele está embriagado todas as noites.

A sujidade e o lixo são almíscar e rosa.
O telhado e a porta são música e versos.

Em suma,
quem encontra esta casa
torna-se soberano do mundo,
um Salomão do seu tempo.

Olha para baixo, Senhor, do alto do telhado,
abençoa-nos com o Teu olhar.

Juro que, desde que vi o Teu rosto,
o mundo inteiro se tornou fraude e fantasia.

O jardim está confuso,
sem saber o que é folha ou flor.
Os pássaros distraídos
não distinguem as sementes da armadilha.

Uma casa de amor sem limites,
uma presença mais bela que Vénus ou a lua,
uma beleza cuja imagem
preenche o espelho do coração.

As amigas de Zulaikha,
fora de si na presença de José,
cortaram os pulsos.

Talvez um cacho do seu cabelo
tenha roçado os seus corações.

Entra. O Amado está aqui.
Estamos todos embriagados.
Ninguém repara em quem entra ou sai.

Não fiques sentado fora da porta,
no escuro, cheio de dúvidas.

Os que estão embriagados de Deus,
ainda que sejam mil, vivem como Um.
Mas os embriagados de desejo,
mesmo sozinhos, já são dois.

Entra no matagal dos leões,
sem medo das feridas.

As sombras que temes
são apenas fantasias de criança.

Não há ferida nem algo a ser ferido:
tudo é misericórdia e amor.

Mas tu ergues pensamentos
como uma porta de madeira maciça.

Ateia fogo à madeira.
Silencia o barulho do coração.
Guarda a tua língua,
para que não cause dano.

ELEGIA PARA SANA'I

Ouvi alguém dizer: *"O Mestre Sana'i morreu."*
A morte de um tal mestre não é coisa pequena.
Ele não era uma palha empurrada pelo vento;
ele não era água que gelou no inverno;
ele não era um pente que se partiu no cabelo;
ele não era uma semente engolida pela terra.

Ele era um tesouro de ouro neste poço de pó,
pois avaliava o mundo inteiro como um único grão de cevada.
O corpo terrestre ele lançou à terra;
alma e razão, ele ergueu aos céus.

Quão estranhamente o elixir se mistura com os resíduos,
até se separar dentro do frasco.
Uma segunda alma, que a maioria dos humanos nunca conhece,
juro por Deus, ele entregou ao seu Amado.

Em viagem, às vezes acontece, meu amigo,
que um homem de Merv ou Rayy, um Romano ou um Curdo,
viajam juntos antes que cada um chegue a casa.

Deverá um sábio caminhar ao lado de jovens?
Sê silencioso como um compasso;
o Rei apagou o teu nome do livro da fala.

A VESTE INTERIOR DO AMOR

Uma alma que não se veste
com a veste interior do Amor
deveria envergonhar-se da sua existência.

Embriaga-te com o Amor,
pois o Amor é tudo o que existe.

Onde se encontra a intimidade,
senão na troca e na entrega do Amor?

Se te perguntarem o que é o Amor,
diz: *"O sacrifício da vontade."*

Se ainda não deixaste para trás
o teu próprio querer,
então não tens vontade alguma.

O amante é um rei dos reis,
com ambos os mundos aos seus pés;
e um rei não se preocupa
com o que jaz abaixo dele.

Somente o Amor e o amante
podem ressuscitar além do tempo.
Entrega o teu coração a isto;
o resto são ecos vazios.

Até quando abraçarás
um amado sem vida?
Abraça aquilo
a que nada pode prender-se.

O que brota a cada primavera
murchará no outono,
mas o jardim de rosas do Amor
é sempre verde.

A rosa e o espinho
surgem juntos na primavera,
e o vinho da uva
não vem sem as suas dores de cabeça.

Não sejas um espectador impaciente
neste caminho—
por Deus, não há morte pior
do que a da expectativa.

Fixa o teu coração na moeda verdadeira,
tu que não és falso,
e escuta este conselho,
se não fores escravo:

Não vaciles no cavalo do corpo;
caminha mais leve a pé.
Deus dá asas
a quem não se contenta em montar um jumento.

Liberta-te das tuas preocupações
e sê completamente límpido de coração,
como a superfície de um espelho
que não guarda imagens.

Quando está vazio de formas,
todas as formas nele se contêm.
Nenhum rosto se envergonharia
de ser tão límpido.

Se queres um espelho puro,
contempla-te a ti mesmo
e vê a verdade sem vergonha
que o espelho reflete.

Se o metal pode ser polido
até brilhar como um espelho,
quanto mais polimento
precisará o espelho do coração?

Entre o espelho e o coração
há apenas uma diferença:
o coração guarda segredos,
enquanto o espelho não.

ESTE CORPO É UMA ROSA

Cada forma que vês tem o seu arquétipo invisível.
Se a forma é passageira, a sua essência é eterna.

Se já encontraste beleza num rosto
ou sabedoria numa palavra,
que isso te aconselhe o coração:
o que perece não é real.

Já que a nascente é intemporal,
os seus ramos refrescam.

Já que nenhum dos dois pode cessar,
qual é a causa da tua tristeza?

Pensa na alma como a fonte,
e nas coisas criadas como os seus riachos.
Enquanto a fonte existir,
os riachos continuarão a fluir.

Esvazia a tua mente da dor
e bebe desta corrente.
Não penses que ela secará—
esta água é infinita.

Desde o momento em que entraste neste mundo visível,
uma escada foi-te oferecida para escapar.

De substância mineral tornaste-te uma planta viva,
e depois um animal errante. Isto é segredo?

Depois, como ser humano,
desenvolveste razão, consciência, fé.

Vê como este corpo se ergueu do pó
como uma rosa?

Quando superares o estado humano,
a tua natureza angélica desdobrar-se-á
num mundo além deste mundo.

Supera então os anjos e entra no Mar.
A tua gota fundir-se-á
num centenar de Mares de Omã.

Liberta-te daquele a quem chamaste "filho",
e diz "Um" com a tua vida.

Ainda que o teu corpo tenha envelhecido,
a tua alma tornou-se jovem.

ESVAZIA O COPO DO TEU DESEJO

Junta-te aos amigos
e conhece a alegria da alma.
Entra no bairro da ruína
com aqueles que bebem até a última gota.

Esvazia o copo do teu desejo
para que não sejas humilhado.
Para de procurar algo lá fora
e começa a ver dentro de ti.

Abre os braços se queres um abraço.
Parte os ídolos de barro e liberta o brilho.

Porque te envolves com esta velha megera que é o mundo?
Já sabes o preço que isso tem.
E três refeições miseráveis por dia
é tudo o que as armas e a violência podem comprar.

Quando, à noite, o Amado vier,
vais estar a dormir sob o efeito do ópio?

Se fechas a boca à comida,
podes conhecer um sabor mais doce.

O nosso Anfitrião não é um tirano.
Reunimo-nos em círculo.
Senta-te connosco, além da roda do tempo.

Aqui está o acordo:
entrega uma vida
e recebe cem.

Para de rosnar como os cães
e reconhece o cuidado do pastor.

Ficas sempre a queixar-te dos outros
e do que te devem?
Esquece-os.
Apenas fica na Presença Dele.

Se a terra é tão vasta,
porque dormes numa prisão?

Pensa em nada além da fonte do pensamento.
Alimenta a alma; deixa o corpo jejuar.

Evita ideias emaranhadas:
desata-te num mundo mais alto.

Reduz as palavras
por amor à comunhão intemporal.

Abandona a vida e o mundo,
e encontra a Vida do Mundo.

PARA CONHECER A LUA E O MAR

Ao romper da aurora, uma única lua apareceu,
desceu do céu e fitou-me.

Como um falcão a mergulhar sobre a presa,
agarrou-me e subiu aos céus.

Quando olhei para mim mesmo,
vi que já não existia,
pois pela graça
o meu corpo tornou-se leve.

Fiz uma jornada da alma,
acompanhado pela lua,
até que o segredo do tempo
foi totalmente revelado.

As nove esferas do céu estavam naquela lua.
O vaso do meu ser
desapareceu naquele mar.

As ondas ergueram-se no oceano,
a Inteligência ascendeu
e ecoou o seu chamado.
Assim aconteceu, assim foi.

O mar começou a espumar,
e cada gota de espuma
tomou forma e ganhou corpo.

Então, cada corpo de espuma,
beijado por esse mar,
imediatamente se dissolveu em espírito.

Sem o poder de Shams, a Verdade de Tabriz,
ninguém poderia contemplar a lua
nem tornar-se o mar.

UMA NOITE DE PARTIDA

Ó amantes, amantes, chegou a hora
de partir deste mundo.

Ouço um tambor no ouvido da minha alma,
vindo das profundezas das estrelas.

O condutor da nossa caravana já trabalha:
a viagem está a ser preparada.

Ele pede-nos perdão
pela perturbação que nos causou.
Ele pergunta porque estão os viajantes a dormir.

Por toda a parte, o murmúrio da partida;
as estrelas, como velas,
empurradas contra nós
atrás de véus azuis.

E como que para tornar o invisível mais evidente,
um povo maravilhoso surgiu.

Sob esta roda d'água das estrelas,
o teu sono foi pesado.

Observa esse peso e tem cuidado,
pois a vida é frágil e breve.

Ó coração, aponta-te para o Amor!
Ó amigo, descobre o Amigo!
Ó sentinela, desperta!
Não estás aqui para dormir.

Ruído e movimento por todos os lados,
fogueiras e tochas,
esta noite,
o mundo prenhe dá à luz a eternidade.

O barro sem vida torna-se um coração vivo.
O inepto torna-se consciente.

O que te atrai agora
levar-te-á ainda mais longe,
e à medida que te atrai para Si,
o teu sofrimento transforma-se em prazer.

As Suas chamas são como água.
Não deixes o teu rosto perturbar-se.

Estar presente na alma é a Sua obra,
assim como quebrar os teus votos.

Pela Sua arte complexa,
estes átomos tremem nos seus corações.

Ó marioneta vã,
proclamando a tua importância num buraco,
até quando saltarás?

Humilha-te,
ou serás destruído.

Semeaste engano,
cultivaste desprezo.

Ó proxeneta,
nas tuas mãos, a Verdade Eterna foi aviltada!

Ó asno, coberto de pó,
ávido apenas de palha.

Há outro dentro de ti,
por quem os teus olhos brilham.

Se a água queima,
é porque vem do fogo;
que isto seja compreendido.

Não tenho pedras na mão,
não tenho disputa com ninguém.

Não repreendo homem algum,
mas trago comigo
a doçura do jardim de rosas.

O meu olhar vem dessa Fonte,
de outro universo.

Um mundo deste lado,
outro do outro,
enquanto me sento no limiar.

No limiar estão apenas aqueles
cuja linguagem é o silêncio.

Já foi dito o suficiente;
não digas mais;
refreia a língua.

A COR DA PUREZA

Dentro de mim respiro
a fragrância do Amigo.

No jardim, ontem à noite,
um impulso percorreu a minha mente;
um sol brilhou dos meus olhos;
um rio interior começou a fluir.

Os lábios tornaram-se rosas risonhas,
sem os espinhos da existência,
a salvo da lâmina da decadência.

As árvores e plantas do prado,
que aos olhos comuns pareciam imóveis,
pareciam dançar.

Quando o nosso alto Cipreste apareceu,
o jardim perdeu-se completamente,
e o plátano bateu palmas.

Um rosto de fogo, um vinho ardente,
um amor incandescente, todos felizes juntos,
e o eu, esmagado, gritando:
"Deixem-me sair daqui!"

No mundo da Unidade
não há espaço para o número.
Mas, por necessidade, o número existe
nos mundos do cinco e do quatro.

Podes contar cem mil
maçãs doces nas tuas mãos.
Se quiseres torná-las uma só,
esmaga-as todas juntas!

Sem pensar nas letras,
ouve a linguagem do coração.
A cor da pureza
pertence à Fonte Criadora.

Onde o Sol de Tabriz se senta,
os meus versos alinham-se
como escravos voluntários.

AS PALAVRAS DE 'ALI QUANDO RECUSOU MATAR UM OPONENTE QUE LHE CUSPIU NA CARA

Pelo amor de Deus, pela Realidade,
de quem sou servo,
uso esta espada.

O corpo não me comanda,
nem o leão do desejo
vence o Leão de Deus.

Como uma espada empunhada pelo sol,
encarno estas palavras na guerra:
"Não foste tu que atiraste quando atiraste."

Larguei a bagagem do eu.
O que não é Deus, nada é.

Deus é o sol, e eu sou uma sombra.
Adornado com as pérolas da União,
a minha espada traz vida na batalha, não morte.

O sangue não embacia a minha lâmina brilhante,
nem o vento dispersa o meu céu.

Não sou palha ao vento,
mas uma montanha de paciência.
Que vento feroz pode levantar uma montanha?
O que o vento leva são apenas resíduos.

E ventos sopram de todos os lados—
os ventos da ira, do desejo, da cobiça,
levam aqueles que não guardam
os momentos de oração.

Sou uma montanha,
e o meu ser é a Sua construção.
Se sou atirado como uma palha,
é o Seu vento que me move.

Apenas o Seu vento desperta os meus desejos.
O meu Capitão é o amor pelo Uno.

A ira é um rei sobre reis,
mas a ira, uma vez domada, pode servir.
Uma espada gentil cortou o pescoço da ira.
A ira de Deus chegou como misericórdia.

O meu telhado está em ruínas;
afogo-me na luz.

Chamam-me *"o pai do pó"*,
mas cresci como um jardim.

Por isso, devo pousar a minha espada,
para que o meu nome seja: *Ele ama por Deus*;
para que o meu desejo seja: *Ele odeia por Deus*;
para que a minha generosidade seja: *Ele dá por Deus*.

A minha avareza é por Deus, como são os meus dons.
Pertenço a Deus, e a ninguém mais.

E o que faço não é fingimento,
não é ilusão, não é pensamento—
é visto.

Liberto do esforço e da busca,
prendi a minha manga ao punho de Deus.

Se voo, vejo para onde voo.
Se giro, conheço o eixo sobre o qual giro.
Se carrego um fardo, sei para onde o levo.

Sou a lua, e o sol está à minha frente.
Não posso contar às pessoas mais do que isto.

Pode um rio conter o Mar?

O TÚMULO É UM VÉU

No dia fatal, quando o meu caixão for levado,
não penses que o meu coração ainda está neste mundo.

Não chores, não lamentes em angústia;
não caias no buraco que os demónios cavaram.
Isso, sim, seria triste.

Quando vires a minha procissão,
não digas: *"Ele partiu."*
Será a minha reunião.

Quando me baixares à cova,
não digas: *"Adeus."*
O túmulo é um véu
diante da reunião no paraíso.

Quando vires essa descida,
pensa na ascensão.

Que mal há no pôr da lua ou do sol?
O que te parece um ocaso
é, na verdade, uma aurora.

Embora possa parecer uma prisão,
este túmulo liberta a alma.

A menos que uma semente entre na terra,
não pode crescer.
Porque duvidas desta semente humana?

A menos que o balde desça ao poço,
não pode subir cheio.
Porque haveria o José do Espírito
de ressentir-se com o poço?

Fecha a tua boca aqui
e abre-a além,
e no ar sem lugar
a tua canção será ouvida.

AQUELE QUE NÃO TEM PISTA

No fim, desapareceste,
partiste para o Invisível.
Estranho foi o caminho que tomaste
para sair deste mundo.

Estranho como as tuas asas batendo
destruíram a gaiola,
e voaste para o mundo da alma.

Eras o falcão favorito de uma velha,
mas quando ouviste o tambor do falcão,
escapaste para o sem-lugar.

Eras um rouxinol embriagado entre corujas,
mas quando o perfume do roseiral te alcançou,
já tinhas partido.

O vinho amargo que bebeste connosco
deixou a sua dor de cabeça,
mas, por fim, entraste numa taberna intemporal.

Como uma flecha, seguiste direto
ao alvo da bem-aventurança,
reto ao ponto,
como uma flecha disparada do arco.

Como um espírito da noite,
o mundo tentou enganar-te
com as suas pistas falsas,
mas recusaste todas elas
e foste direto àquele
que não tem pista alguma.

Agora que és o sol,
para que te serviria uma coroa?
E como apertas o teu cinto,
agora que desapareceste do meio?

Ó coração, que pássaro raro és tu,
que, na tua ânsia pelo olhar do Céu,
voaste contra a ponta da lança
como um escudo!

A rosa foge do outono,
mas que rosa insensata és tu,
que procuras o vento do outono!

Eras chuva de outro mundo,
que caiu sobre esta terra empoeirada.
Correste em todas as direções
e escapaste pela calha.

Sê silencioso.
Liberta-te da dor da fala.

Não durmas,
pois encontraste refúgio
num Amigo tão amoroso.

APÊNDICE: UMA NOTA SOBRE O SÉCULO XIII

Jelaluddin Rumi nasceu em 1207 na cidade de Balkh, na província persa de Khorasan, hoje parte do Afeganistão. Proveniente de uma família distinta, ele traçava a sua linhagem até Abu Bakr, o primeiro califa do Islão. O seu pai, Baha'uddin, era um eminente professor de religião e uma das figuras mais respeitadas da cidade. Apesar da sua posição confortável, Baha'uddin decidiu mudar-se com a família, buscando um novo lar a sul, pois eram tempos de Chengiz Khan, quando grande parte da Ásia Central e do mundo estava a ser devastada pelas hordas mongóis. A decisão revelou-se acertada, pois Balkh acabaria por ser saqueada e a maior parte dos seus habitantes massacrados.

A família viajou primeiro até Nishapur, onde encontraram o grande poeta Fariduddin Attar, que presenteou o jovem Jelal com uma cópia do seu *Asrár-náma* (*O Livro dos Mistérios*) e disse: *"Esta criança está destinada a incendiar os corações de muitos."* Depois, viajaram para Bagdade, Meca e Damasco, até se estabelecerem em Konya

(Iconium), capital do Império Seljúcida, um refúgio estável e pacífico naqueles tempos. Em Konya, Baha'uddin assumiu um importante cargo de ensino, que mais tarde seria herdado pelo seu filho. E esta cidade antiga, erguida sobre o planalto da Anatólia, tornar-se-ia o lar vitalício de Jelaluddin e das suas gerações futuras.

O século XIII foi um tempo de esplendor e destruição, de decadência e renascimento. Em 1197, Pedro de Aragão autorizou a queima de hereges. O Papa Inocêncio III orquestrou uma campanha de vinte anos para exterminar os Cátaros (1209-1229), uma seita herética que pregava a pobreza e a simplicidade. Cidades inteiras foram massacradas se houvesse suspeita de que metade da população pertencia à seita. Foi por essa altura que o Papa Inocêncio IV autorizou o uso da tortura contra os hereges e a distribuição das suas propriedades entre os oficiais laicos.

Enquanto a Inquisição nascia na Europa, e Chengiz Khan devastava o Oriente, muitas das maiores figuras espirituais dos últimos dois mil anos plantavam sementes que seriam colhidas pelos séculos vindouros. O século XII viu o nascimento do escolasticismo na Europa, com Paris e Oxford a tornarem-se centros famosos de teologia. Albertus Magnus contribuiu enormemente através dos seus comentários árabes, e o seu aluno, Tomás de Aquino (1225-1274), seria o responsável por introduzir muitas ideias neoplatónicas no cristianismo. São Domingos fundou uma ordem baseada na pobreza apostólica em 1216, e São Francisco conversou com o sultão do Egito em 1219. Meister Eckhart e Johannes Tauler, ambos dominicanos, desenvolviam um misticismo celta-germânico que possuía muitos paralelos com a metafísica de Ibn 'Arabi, de Espanha, seu quase contemporâneo.

Este período produziu algumas das maiores figuras espirituais e literárias da cultura islâmica desde os tempos do Profeta. No final do século XII, Al-Ghazzali conseguiu integrar as ideias místicas do sufismo na teologia ortodoxa, trazendo-as mais para o centro do pensamento islâmico. Na Pérsia, Suhrawardi Maqtul (1153-1191) sintetizou uma grandiosa teosofia da iluminação a partir de fontes islâmicas e persas antigas, incorporando a sabedoria de séculos, se não de milénios.

Foi neste século que Sana'i escreveu o *Hadiqat al-Haqiqa* (*O Pomar da Verdade*), que se tornou o modelo para grande parte da poesia mística didática posterior, incluindo o *Mathnawi* de Rumi. Os píncaros da especulação metafísica islâmica foram alcançados por Ibn 'Arabi (1165-1240), conhecido como *"o Polo do Conhecimento."* Foi ele quem escreveu: *"Deus torna-se o espelho no qual o homem espiritual contempla a sua própria realidade, e, por sua vez, torna-se o espelho no qual Deus contempla os Seus nomes e qualidades."* O seu discípulo e principal intérprete, Sadruddin Qonawi (falecido em 1274), emigrou para Konya e teve uma estreita ligação com Mevlana.

Além de Attar, Ibn al-Farid (falecido em 1235), outro grande poeta do amor místico, escreveu os seus versos delicados e refinados no Egito. Na Turquia, Yunus Emre cantava as suas canções de amor místico na língua turca vernacular. Outro imigrante de Khorasan foi o grande e enigmático Hadj Bektash (1247-1338), fundador de uma importante ordem dervixe.

Entretanto, Mu'inuddin Chisti chegava a Delhi apenas catorze anos antes do nascimento de Mevlana. Ele e os seus sucessores foram responsáveis pela introdução do

Islão na Índia através de um sufismo vibrante e devocional que ganhou grande popularidade entre o povo.

Em resumo, estas são algumas das figuras que ajudaram a fazer do século XIII um tempo incomparável de inspiração mística.